



O tema da imigração está na ordem do dia sendo considerado, por muitos estudiosos, como o problema social mais importante da Europa do nosso tempo. Nele se cruzam a demografia e o emprego, a economia e a coesão social,

a segurança e a globalização, a paz e a guerra, as migrações e os novos escravagismos, a integração e a exclusão, a religião e a liberdade, enfim, as grandes questões que marcam as agendas dos governos e das organizações supra nacionais.

No passado dia 15 de Novembro, foi tornado público um relatório intitulado "Inmigración y Economía Española: 1996-2006", de autoria de Miguel Sebestean, conselheiro para as questões económicas do primeiro-ministro de Espanha e futuro candidato, pelo PSOE, à Câmara Municipal de Madrid.

Sebestean confirma, neste estudo, diversas realidades que impressionam não tanto pela sua natureza como pela sua dimensão.

No espaço deste artigo cabem somente algumas considerações breves que assumem, voluntariamente, o estatuto de divulgação. O estudo completo pode ser encontrado no site da presidência do governo de Espanha [www.la-moncloa.es/default.htm].

Resumirei esta abordagem a dois aspectos com profundo significado político e importância ideológica no combate entre duas visões do mundo que, por muito que se afadiguem os mentores do "fim das ideologias", continuam a existir assumindo sempre novas e variadas cambiantes.

O primeiro aspecto diz respeito à questão demográfica que muitos políticos e ideólogos de direita tendem a abordar sob uma lógica nacionalista como se fosse expectável que o declínio da população activa, no mundo ocidental, pudesse ser invertido pelo milagre de políticas de incentivo à natalidade, "moraliza-

# Espanha, desenvolvimento e imigração

**EDUARDO GRAÇA**

Licenciado em Organização e Gestão de Empresas

zação dos costumes", agitação de panaceias securitárias ou construção de muros que ultrapassam, perigosamente, os limites da racionalidade humana.

Em Espanha, no período 2001/2005, o aumento anual da população foi de 1,5%, valor

nunca antes observado na história do país, e a entrada de imigrantes representou 1,2% desse aumento. De facto a população imigrante, em Espanha, passou de 0,9 milhões, em 2000, para 4 milhões, em 2006, acrescentando que metade dos 2,6 milhões de novos empregos criados, nos últimos cinco anos, foram ocupados por imigrantes.

Ao contrário de todas as consequências per-

versas que qualquer mente conservadora poderá descortinar nesta evolução demográfica — sem escamotear as tensões sociais que se lhe encontram associadas — verifica-se que a economia espanhola cresceu, desde 1996, à média anual de 3,5 %, devendo atingir, em

2006, um crescimento de 3,8 %, sendo que 30% do crescimento do PIB, na última década, está associado ao processo de imigração alcançando mesmo a contribuição dos imigrantes para esse crescimento, nos últimos 5 anos, a extraordinária cifra de 50%.

É conveniente, no entanto, salientar que as elevadas taxas de crescimento da economia espanhola só foram possíveis devido a um

*Metade dos 2,6 milhões de novos empregos criados nos últimos cinco anos foram ocupados por imigrantes.*

## A insustentável pressão fiscal

NEGÓCIOS À PARTE

**JOÃO CAIADO GUERREIRO**  
Advogado



A lista das empresas que abandonam Portugal vai crescendo dia a dia. Agora é a Alcoa, mais 480 pessoas para o desemprego, antes foi a Johnson Controls, a GM na Azambuja... São as ténxteis portuguesas a fechar e mais uma imensidão de pequenas empresas que não aparecem nas notícias.

O argumento preferido pelos políticos é de que é a globalização, que estas empresas estavam de qualquer maneira condenadas, que surgirão outras. Todas

estas explicações têm um fundo de verdade. Há porém uma que, melhor que todas as outras, explica o que se está a passar: Portugal tem os impostos e contribuições mais altos da Europa face à riqueza que produz. Tem uma administração fiscal eficaz na cobrança enquanto outras instituições estatais estão ao nível dos países do terceiro mundo. As nossas polícias não conseguem manter a segurança, os nossos tribunais levam três anos para despachar uma execução enquanto o fisco leva três dias para nos penhorar a casa e os certificados de aforro.

Os impostos que pagamos são mais de metade da riqueza que produzimos. O estado é um sugadouro brutal de recursos: não sobra quase nada depois dele passar. E os impostos não são só o IRS como parecem pensar alguns: são também o IRC, o IVA, o IA, o imposto sobre os produtos petrolíferos, a taxa dos esgotos, as contribuições para a segurança social, o pagamento por conta, etc., etc.

A brutalidade da pressão fiscal que vai empobrecendo o país é insustentável. Um amigo meu que tentou lançar uma pequena empresa dizia que era assim: entre pagamento por conta obrigatório, segurança social a pagar mesmo sem salário e outros custos burocráticos, tinha

português dá muito pouco em troca do muito que pede: a saúde é má; a burocracia é péssima; as instituições funcionam mal; as autarquias são um Deus me livre; as escolas ensinam pouco. Bem, só funciona mesmo a DGCI e essa não que toca a cobrar, que a aplicação rigorosa da lei e o respeito das garantias dos contribuintes deixam muito a desejar.

Milhares de portugueses estão hoje muito mais pobres que há dez anos atrás por causa da insustentável pressão fiscal. O estado bem. Fechou e, como as multinacionais, emigrou! Vive agora em Madrid onde montou o mesmo negócio, que lhe vai correndo bem.

Até agora, os responsáveis da DGCI e da Segurança Social, só tem recebido elogios pelo bom trabalho feito na cobrança coerciva. Acontece é que a sua função vai sendo cada vez mais impopular: trata-se de a força retirar recursos a uma população empobrecida, empobrecendo-a ainda mais, para os entregar a uma entidade que os malbarata.

A estratégia seguida pelos Governos nos últimos dez anos, de aumentar sistematicamente os impostos e a despesa pública, só nos empobreceu. O relatório da Comissão Europeia que indica Portugal como o país com menos retorno de investimento da Europa apenas confirma que este modelo de "desenvolvi-

mento" já se esgotou há muito. Portugal tem como vizinha uma grande economia que mantém boas taxas de crescimento. A solução para voltarmos ao crescimento e a criar riqueza para todos é evidente. Temos de fazer à Espanha o que a Irlanda fez à Inglaterra: baixar fortemente os impostos para convencer os investidores a investir aqui e não em Espanha. E, claro, melhorar o nosso estado e reduzir-lhe a dimensão. Um estado menor será um Portugal melhor. ||